



O uso dualista do conhecimento das Ciências Sociais no Trabalho Social em Portugal

The dual use of Social Science's knowledge in Social Work in Portugal

Recebido: 26/10/11

Revisto: 16/11/11

Aceite: 17/11/11

Telmo H. Cariaⁱ, Filipa Cesarⁱⁱ e Raquel Biltesⁱⁱⁱ

ⁱ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

^{ii, iii} Universidade de Porto

Resumo: Pretendemos identificar as ideias/representações sociais que nos campos das Ciências tendem a transformar as diferenças de percursos e formas de institucionalização da Sociologia e do Serviço Social em impedimentos para a aproximação entre estas duas áreas de conhecimento (noção de dualismo). Estes impedimentos merecem uma reflexão sobre as significações e as concepções que existem em Portugal no âmbito da Sociologia que legitimam este dualismo, ou que nos dão pistas para o superar, sendo certo que no plano institucional sempre existirá competição e lutas de poder simbólico que forçarão a existência de dualidades entre ambas.

Para melhor perceber as vantagens mútuas de ambas as disciplinas, pretendem-se apresentar exemplos já realizados em Portugal no grupo de investigação ASPTI (análise social do saber profissional em trabalho técnico-intelectual) sobre o modo como temos lidado com as diferenças entre aquelas duas áreas de conhecimento para fomentar o diálogo interdisciplinar.

Palavras-chave: saber profissional, dualismo socio-cognitivo, poder simbólico, teoria social, trabalho social.

Abstract: Our purpose is to identify ideas/social representations that, in the fields of Social Sciences in Portugal, tend to turn differences of paths and forms of institutionalization of the Sociology and the Social Work in impediments to the approach between this two disciplines (concept of dualism). These obstacles must have a reflection about the meanings and perceptions that exist in Portugal, in Sociology, that legitimize this dualism, and that also give us clues to overcome, given that at an institutional level there will always be competition and symbolic power struggles that will force the existence of dualities between them.

To better understand the advantages that both disciplines can offer each other, we also present examples of work already carried out research group ASPTI (social analysis of occupations in technical-intellectual knowledge) about how we have dealt with the differences that we can approach, given that to achieve this you must have a subject of research and reflection that enhances the opportunities for interdisciplinary dialogues.

Key-words: professional knowledge, dualism socio-cognitive, symbolic power, social theory, social work.

1. Dicotomias e aproximações entre diferentes tipos de saber

A forma mais simples e mais estereotipada de descrever e legitimar a oposição entre Sociologia e Trabalho Social é a de apresentar a primeira como centrada na ciência e na teorização acerca de enquadramentos e constrangimentos do trabalho social e, simultaneamente, apresentar a segunda como centrada na aplicação do conhecimento e na prática de actividades do trabalho social. A partir desta simples oposição entre as virtudes teóricas de uma e as virtudes práticas de outra, vários aspectos podem ser enunciados:

-a Sociologia seria o melhor exemplo de uma ciência social porque seria mais capaz de entender e analisar a multi-dimensionalidade da realidade social de uma forma integrada em todos os seus aspectos simultâneos: materiais, económicos, simbólicos, culturais e políticos. Isto permite mais facilmente ultrapassar os obstáculos individuais e naturais de outras Ciências Sociais na explicação de fenómenos sociais.

- os assistentes sociais seriam apresentados como os melhores intérpretes para aplicarem as Ciências Sociais porque seriam capazes de ultrapassar as divisões abstractas e artificiais existentes entre as disciplinas e seriam aqueles que melhor formação teriam para integrar diferentes conhecimentos científicos e disciplinares.

Esta descrição dos dois campos de conhecimento não é muito consensual em Portugal, sobretudo por razões empíricas: há cada vez mais sociólogos a trabalhar ao lado de assistentes sociais a desempenharem actividades não académicas em trabalho social; há também cada vez mais assistentes sociais que desenvolvem actividades académicas associando ensino e investigação em trabalho social. Como resultado desta progressiva co-existência as duas áreas de conhecimento encontram-se em competição directa no mercado de trabalho.

Os assistentes sociais entrevistados tendem a desempenhar tarefas interactivas no trabalho de terreno, ao contactar directamente os clientes e as suas famílias, como sejam fazer visitas domiciliárias, atendimento de triagem e informação, actuando preferencialmente através das tarefas de diagnóstico e de contratualização que passam pela interacção social e pelo trabalho de terreno. É possível encontrar, nestas profissionais, um *ethos* profissional pautado por uma motivação para “ajudar pessoas” que remonta ao início da sua carreira académica. Simultaneamente, a importância atribuída a “instrumentos”, a “recursos” e a “respostas” enquanto ferramentas a operacionalizar no apoio é também bastante comum, ao ponto de a sua ausência ser um entrave ao exercício das suas funções. A título de exemplo, a extinção de alguns subsídios atribuídos pelo Estado ou a inexistência de apoios em algumas das áreas possíveis de intervenção extinguem quase por completo a sua capacidade de actuação e, conseqüentemente, essa motivação inicial, levando-as a optar pela especialização em outras áreas ainda na licenciatura.

Por outro lado, apesar de ter desempenhado actividades em contacto directo com a população cliente no início da sua carreira profissional, ou mesmo que ainda o façam, a uma determinada altura, os sociólogos entrevistados, tendem a posicionar-se como coordenadores, supervisores ou gestores. Daí em diante, trabalham na gestão de equipas e projectos, relações inter-institucionais e nas tarefas de diagnóstico e planeamento que não requerem uma relação próxima com os clientes. Esta posição permite-lhes manter uma visão mais alargada das suas funções e da instituição onde trabalham e, concomitantemente, encarar a sua licenciatura como uma base, um início de formação que foi e deve ser complementado com outras formações complementares, académicas ou não, que lhes permitem obter ferramentas de índole mais prática para exercer as suas funções (ex: formação em Qualidade ou em Gestão de Projectos).

Olhando para o conjunto das entrevistas, estas tendências parecem poder ser reconfiguradas no que se refere ao mercado de trabalho e à estrutura das organizações. Em termos de mercado de trabalho, algumas das entrevistadas parecem cientes da suposta competição directa entre várias licenciaturas em ciências sociais para as mesmas actividades e tarefas. Referem que nas organizações em que desenvolvem a sua actividade, cada elemento na equipa tem tarefas que lhe são específicas, assim como uma visão ou perspectiva sobre os acontecimentos baseados na sua formação académica. Este conhecimento multidisciplinar é visto como uma mais-valia em termos da análise ou na resolução de problemas nas suas vidas profissionais diárias.

Em organizações de grande dimensão, cada profissional parece ter tarefas que são altamente especializadas e sem espaço para sobreposições. Por outro lado, em organizações mais pequenas, a prática anterior dos técnicos não está directamente ligada a uma tipologia específica de funções e as tarefas parecem ser mais partilhadas. Nos gabinetes de RSI, por exemplo, que está directamente dependente da administração da Segurança Social, a divisão e a distribuição de tarefas está claramente definida, enquanto em instituições que são menos dependentes desta ou de outras administrações, podemos observar que as mesmas tarefas são desempenhadas por pessoas com diferentes formações académicas.

De acordo com as linhas gerais acima explicitadas, podemos afirmar que os sociólogos têm uma maior predisposição para analisar o trabalho social porque eles ocupam-se de actividades que evidenciam o domínio simbólico do trabalho social, tirando partido do facto de terem por base uma disciplina científica bem consolidada e institucionalizada em Portugal e que isso é suporte para os processos de profissionalização no trabalho social.

Os assistentes sociais parecem ter-se estabelecido em domínios mais práticos e experienciais do trabalho social, tirando partido da sua significativa experiência de campo e do seu saber institucional sobre os meandros do trabalho para melhor usar ou potenciar o ecletismo da sua formação académica multidisciplinar. Por outro lado, a progressiva institucionalização científica

do serviço social em Portugal pode vir a conferir-lhes legitimidade para serem aqueles que melhor agem neste sector de trabalho.

Contudo, é importante não esquecer, de acordo com os dados recolhidos pelo projecto SARTPRO, estas disputas não estão limitadas a estes dois grupos profissionais. Profissionais nos campos da Educação (Educação Social, Ciências da Educação e Animação Sócio - Cultural) e no campo da Psicologia são também parte importante nas equipas técnicas que desenvolvem trabalho social, por isso também profissionais em competição pela legitimidade do seu contributo para o trabalho social.

Para resumir, a separação entre Sociologia e Serviço Social reproduz-se a si própria sob novas formas. A simples oposição entre teoria por um lado e prática por outro, torna-se numa disputa entre saber quais são os processos mais legítimos do saber profissional em Trabalho Social (Costa 2004, 50), a saber:

-se a profissionalização de natureza dedutiva - que ocorreria com os sociólogos e que garantiria o domínio simbólico da actividade -, que parte dos enunciados e das competências de base monodisciplinar e científica para uma experiência profissional fora da academia múltipla e plural do ponto de vista funcional;

-se a profissionalização de natureza indutiva – que ocorreria com os assistentes sociais e que garantiria o domínio prático da actividade –, que parte da experiência profissional fora da academia, de construção de competências e conhecimentos variados para actividades com maior especificidade, em um melhor e mais convergente fundamento científico.

Poderíamos dizer que a legitimação simplista de oposição teoria-prática entre Sociologia e Serviço Social é substituída por um dualismo sociocognitivo mais sofisticado, caracterizado pela determinação de quem tem o melhor domínio simbólico e o melhor domínio prático do trabalho social. Esta questão torna-se um conflito de legitimidade acerca das vantagens de aceder ao trabalho social através de um caminho mais teórico-simbólico ou um caminho mais prático-experiencial, promovendo-se potencialmente uma desigualdade no saber profissional que reproduziria as desigualdades de poder académico e simbólico já existente entre a Sociologia e o Serviço Social. Assim, o tipo ideal de uma dissociação entre os dois processos de profissionalização pode ter o efeito perverso de legitimar a separação dualista entre as duas áreas de conhecimento sob novas formas.

De forma a melhor compreender as formas possíveis de quebrar este dualismo, é importante analisar mais profundamente as responsabilidades epistemológicas, teóricas e práticas da Sociologia em termos da sua contribuição para a reprodução deste conflito de legitimidade em Portugal. Isso não quer dizer que o Serviço Social não tenha responsabilidades equivalentes.

Apenas queremos indicar que a Sociologia é a área de conhecimento que melhor conhecemos e que por isso é a partir dela que melhor podemos escrever sobre este assunto.

2. Ciência e profissão na Sociologia

Historicamente, em Portugal, a Sociologia, durante os anos 80 do século passado, deu importantes contributos para superar as oposições simplistas entre ciência-teoria e profissão-prática no trabalho intelectual, fora e dentro da academia.

Para os objectivos deste artigo, apenas dois destes trabalhos pioneiros são considerados: o trabalho de António Firmino da Costa sobre a relação entre ciência e profissão em Sociologia e o trabalho de José Madureira-Pinto, apelando a uma reflexividade científica em Sociologia, designada por ele como racionalismo alargado. Como veremos, ambos contribuem para uma melhor compreensão das razões da separação entre Sociologia e Serviço Social mas não chegam a desestruturar o conflito de legitimidade entre saber quem mais tem o domínio prático e quem mais tem o domínio simbólico do trabalho social.

No caso de Costa os seus escritos começam por pôr em evidência a existência de duas culturas profissionais entre os sociólogos (Costa, 1988):

- uma cultura de dissociação entre ciência e profissão, típica do académico (professor e investigador universitário), que entende que só se poderá designar como sociológica a actividade de investigação ou outras actividades directamente associadas (por exemplo, a docência universitária ou a consultoria sobre políticas públicas);

- uma cultura de associação entre ciência e profissão que parte para a descoberta e invenção da Sociologia fora da academia, concebendo os enquadramentos teóricos e metodológicos como possíveis ferramentas sociocognitivas para intervir na potenciação da mudança social e não apenas na análise das formas institucionais ou das determinações estruturais da vida social.

O autor, no entanto, não se limita a identificar as duas culturas profissionais em presença. Opta, claramente, por rejeitar a cultura que mais opõe a teoria à prática, indicando a sua preferência por um desenvolvimento da Sociologia que associe ciência e profissão para fora da academia. Do nosso ponto de vista, torna claro que, para uma melhor potenciação do valor de cada uma das dimensões da Sociologia (ciência, docência e profissão), será conveniente:

- não correr o risco de anular as fronteiras existentes, apostando numa reciprocidade de ajustamentos e recusando, portanto, tanto a subordinação da investigação e do ensino apenas às solicitações do mercado profissional ou às exigências das políticas públicas,

como a ilusão de ignorar o impacto do mercado e das políticas nas opções de investigação e ensino (Costa, 1988: 112-117);

-não negar a componente ético-deontológica da Sociologia, incluindo nela formalizações que serão úteis à profissão, no que se refere às exigências de construção relacional do conhecimento e de desenvolvimento de um pensamento crítico sobre as cristalizações convencionais e institucionais da vida social (Costa, 1988:115);

-não esquecer que a ciência é a base principal a partir das quais se desenvolvem as outras dimensões (ensino e profissão), só fazendo sentido falar de uma profissionalização da Sociologia fora da academia se o universo científico e as práticas de investigação da Sociologia tenderem a permanecer como a referência principal da profissão (Costa, 2004: 35-53).

Em síntese, Costa dá-nos uma contribuição valiosa para melhor perceber as origens do dualismo entre o domínio simbólico e prático do trabalho social, quando critica a cultura de dissociação entre ciência e profissão. Complementarmente este dualismo é ainda contrariado quando se frisa a existência de continuidades ético-deontológicas entre os dois domínios de saber.

No entanto, o modo como descreve a cultura de associação entre ciência e profissão não é suficiente para contrariar o dualismo sociocognitivo identificado. A profissionalização da Sociologia é sempre vista unilateralmente da ciência para a profissão (nunca ao inverso) e, em consequência, a profissionalização de tipo dedutivo seria a única via que teria legitimidade garantida na Sociologia. Os ajustamentos recíprocos entre ciência e profissão, apesar de referidos, parecem estar quase apenas limitados por um dos pólos da relação: o raciocínio inverso de análise do impacto da profissão na investigação não chega a ser desenvolvido e a profissionalização da Sociologia na academia, enquanto sociólogo-cientista social, é completamente ignorada.

No caso de Madureira-Pinto parte-se de uma visão epistemológica sobre as Ciências Sociais que é, assumidamente, anti-empiricista e, portanto, crítica do positivismo metodológico (Madureira-Pinto, 1984), a saber:

-contesta-se a neutralidade dos processos de observação e inquirição social, evidenciando-se o papel construtivo da teoria social (a teoria principal da investigação) para, com base no património de conhecimentos de uma dada disciplina, elaborar hipóteses de análise, construir meios e recursos técnico-metodológicos para descrição dos objectos de pesquisa empírica e para produzir e evidenciar novos conhecimentos científicos de explicação/compreensão da realidade social;

-alerta-se para o risco de nas abordagens científico-racionalistas mais restritas se poder cair no teorismo e, em consequência, esquecer-se o hiato que tende a existir entre a linguagem da teoria e a linguagem da pesquisa empírica, isto é, entre a formalização de

hipóteses e problemas abstractos de investigação e a demonstração argumentativa e factual da sua adequação à realidade social.

Este hiato tem uma relação directa com o problema que pretendemos tratar: o do dualismo sociocognitivo entre o dedutivo-simbólico e o prático-experiencial. Assim, segundo Madureira-Pinto, de um lado do hiato temos a linguagem da teoria, que pode ser traduzida no domínio simbólico que um dado investigador tem dos problemas teóricos que o identificam como parte de uma dada disciplina científica. Do outro lado do hiato temos a linguagem da investigação empírica que está associada ao domínio prático das operações e procedimentos que permitem seleccionar, recolher e organizar informação (quantitativa e/ou qualitativa) da realidade social.

Pensamos que poderemos estabelecer uma analogia entre a já referida dualidade entre Sociologia e Serviço Social no trabalho social e a aparente dualidade de saberes também existente na actividade de investigação em Ciências Sociais. No entanto, o valor da contribuição de Madureira-Pinto está para além de possibilitar esta analogia: está no facto de procurar discutir as soluções que podem existir para superar as formas mais extremas de dualismo de saberes no âmbito restrito da actividade de investigação. Portanto, uma contribuição que alerta para o facto da existência de dualidade de saberes no trabalho social poder ter a sua génese, a montante, no âmbito de como na investigação - que se espera suportar a fundamentação científica do trabalho social - se concebe o domínio simbólico de qualquer trabalho técnico-intelectual.

Do nosso ponto de vista, o autor, na busca de pistas de solução para a dualidade de saberes, propõe (Madureira-Pinto, 1985a, 1985b):

- recusar a naturalização deste hiato, que o formalismo teórico tende a legitimar;
- recusar as soluções indutivistas (que o subjectivismo teórico-metodológico tende a apresentar¹), porque desvalorizam o papel da teoria social na objectivação da reflexividade acerca dos saberes que estão contidos no domínio prático da pesquisa empírica;
- aceitar que a pesquisa empírica tem uma dinâmica não planeada que pode promover opções técnico - metodológicas improvisadas, ainda que orientadas e limitadas pela problemática da investigação;
- aceitar que as contribuições de alguma etnometodologia, de algum interaccionismo simbólico e de alguma antropologia social poderão ser relevantes para entender processos

¹ É importante não confundir indutivismo com pensamento indutivo. Numa tentativa de nos mantermos fiéis ao trabalho do autor, podemos dizer que o indutivismo absolutiza o pensamento que vai desde o concreto e particular para o geral e abstracto, baseado na premissa de que não há considerações ou proposições gerais, previamente construídas, inscritas na nossa experiência pessoal e subjectiva das coisas.

de pesquisa empírica, desde que articuláveis com a análise das relações que estão contidas nas trocas simbólicas que ocorrem em situação e em contexto de actividade.

No essencial, a proposta de Madureira-Pinto entende que a teoria social tem que desempenhar um outro papel: o de ser auxiliar à superação do hiato (teoria auxiliar da investigação), na medida em que procura objectivar e reflectir sobre as condições e processos sociais que limitam e potenciam as opções técnico - metodológicas usadas para construir dados empíricos que sejam relacionáveis com as hipóteses e problemas de partida².

Como já foi referido num trabalho anterior (Caria 2000, 5-28), pensamos que Madureira-Pinto com esta proposta coloca no centro da reflexividade científica o modo como os cientistas sociais, enquanto profissionais dos campos científicos de investigação, fazem ciência social. Não só nas condições sócio - organizacionais que o permitem (aspecto que é particularmente enfatizado por este autor, Madureira-Pinto, 2001), mas principalmente nas condições contextuais e biográficas que a concretizam: como é que os profissionais da ciência usam a teoria para pensar e fazer a actividade de que são os sujeitos principais quando interagem com os actores sociais em estudo, isto é, para objectivar e racionalizar a subjectividade científica, individual ou colectiva?

Do nosso ponto de vista, a resposta de Madureira-Pinto é a de que existe um outro uso da teoria, que não é apenas o uso formalista que procura ritualizar a metodologia ou naturalizar o hiato teoria/prática, porque se liga directamente à aprendizagem e à experiência de fazer e estar nas Ciências Sociais: uma cultura profissional dentro da própria actividade de investigação da Sociologia.

3. O uso dual da teoria

Pensamos que as duas contribuições acima descritas são complementares. O ajustamento necessário e recíproco entre ciência e profissão, descrito por Costa, deve ser visto como um problema que se inicia no interior do campo científico da Sociologia – ou outra qualquer disciplina ciência social envolvida na investigação – e não só como um problema exterior relacionado com a profissionalização das Ciências Sociais, como no trabalho social. Para lá do que parece ser entendido por Costa, o dualismo entre o domínio teórico e o domínio prático da actividade sociológica não ocorre apenas na profissão fora da academia.

O hiato entre o domínio simbólico e o domínio prático da investigação em Sociologia, salientado por Madureira-Pinto, faz parte integrante dos problemas científicos a resolver pelos sociólogos

⁷ O papel de objectivar e racionalizar a Relação Social de Investigação (RSI), como salientámos e conceptualizámos em trabalhos anteriores (Caria, 1999; 2002a).

académicos na actividade de investigação. Em consequência, a vantagem dos sociólogos, de acrescido domínio teórico do trabalho social face aos assistentes sociais, - resultante de partirem para a profissionalização com uma caixa de ferramentas teóricas mais aperfeiçoada que os assistentes sociais - não está garantida. O acrescido domínio teórico dos sociólogos tropeça no hiato, mal resolvido, entre a teoria e a prática científicas, tal como os assistentes sociais tropeçam no hiato entre as exigências práticas da actividade de trabalho social e o suposto défice de domínio teórico da mesma actividade.

Contrariamente ao que Costa afirma (Costa 2004: 53-59), é por causa deste hiato não resolvido que as competências práticas de investigação estão longe de ser automaticamente transferidas para os processos de profissionalização e de se tornarem referências principais no domínio prático-experiencial do trabalho social dos sociólogos. As razões deste hiato diferem dentro e fora da academia, mas o problema mantém-se: como foi conceptualizado no estudo da equipa de investigação ASPTI sobre saber profissional, esta dualidade entre o controlo sobre o domínio teórico e o domínio prático do uso do conhecimento ocorre porque não há equivalência automática entre os processos dedutivos de recontextualização do conhecimento abstracto e os processos interactivos que tornam explícito o sentido prático-experiencial dos improvisos encontrados nas rotinas, nos consensos e nas normas para agir em determinadas situações (Caria 2002b, 2007, 2010).

Com foi demonstrado mais recentemente pela Sociologia da *Expertise* (Collins e Evans 2007) e pela Psicologia Cognitiva (Karmiloff-Smith 1995; Sun 2002; Ventura et al. 2002; Evans 2008, 2009), este problema científico é de facto mais abrangente, porque existe uma dualidade sóciocognitiva entre o uso e a organização do saber explícito e formal (relacionado com o domínio dedutivo-simbólico de uma actividade) e o uso e organização do saber tácito e implícito (relacionado com o domínio prático-experiencial de uma actividade). Esta dualidade é facilmente reproduzida pela mente humana e ainda se sabe muito pouco sobre como ultrapassá-la.

Neste contexto, podemos dizer que não estamos em condições de elucidar totalmente o problema da dualidade de saberes, sendo que isso implicaria introduzir a discussão sobre a natureza e impacto do conhecimento tácito e dos automatismos do pensamento e da acção (*habitus*) na vida social. Assim, para o objectivo deste artigo, centrado no domínio simbólico do trabalho social, as contribuições de Madureira-Pinto oferecem-nos pistas para compreender que a teoria tem um papel invertido, independentemente da actividade profissional em Sociologia seja desempenhada dentro ou fora da academia.

Por um lado, a teoria que explica a realidade social – que desempenha o papel principal na investigação científica (teoria-produto) – torna-se auxiliar do trabalho social quando este tem que diagnosticar os problemas sociais com que é confrontado. Nesta tarefa, o uso da teoria tende a

ficar aquém das necessidades do trabalho social, porque para este não basta saber aplicar conhecimentos à realidade: é preciso saber intervir.

Por outro lado, a teoria que é auxiliar na investigação científica (teoria-contexto) torna-se principal no trabalho social de intervenção nos problemas sociais, porque a reflexividade que se tem sobre a intersubjectividade nos processos e contextos de investigação pode ser transposta para melhor pensar as possibilidades e os limites de ocorrerem, nos processos de interacção com as pessoas, mudanças de atitudes, de práticas e de concepções quando se intervém.

Assim, aquilo que é a finalidade da investigação (produzir conhecimentos sobre a realidade: teoria-produto) torna-se um meio para o trabalho social (aplicar conhecimentos gerais ao diagnóstico da realidade). E aquilo que é um meio para a investigação (pensar os processos e as metodologias: teoria-contexto) torna-se o objectivo do trabalho social (saber interagir com as pessoas).

Baseando-nos nesta analogia podemos dizer, dentro do domínio simbólico do trabalho social, que é possível criar condições para ultrapassar os dualismos entre Sociologia como ciência e o Trabalho Social como profissão, se for assumido que ambas as actividades têm um uso dual da teoria (como meio e como fim), mesmo que funcione de forma invertida: na actividade de investigação os processos de interacção com as pessoas são determinados pela produção de conhecimento numa escala mais geral; na actividade de trabalho social, os processos de intervenção com as pessoas, numa escala micro, determinam o conhecimento geral a ser usado.

Uma das formas de concretizar esta orientação para superar os dualismos de saberes no trabalho social corresponde ao caminho que, desde 1998, fizemos na actividade de investigação do grupo ASPTI ASPTI (Caria, 2000; 2005; 2011a; Filipe 2008; Granja 2008; Loureiro 2009; Pereira 2008), a saber:

-em primeiro lugar, desenvolver um objecto científico de análise que esteja nas fronteiras da Sociologia e do Trabalho Social – o objecto trabalho e saber profissional – ainda que primariamente baseado em problemas científicos, sem ter uma conexão estrita com a Sociologia;

-em segundo lugar, desenvolver uma reflexividade científica sobre os processos de interacção no terreno que permitem produzir conhecimento científico social, dando ênfase à escala micro e sem excluir a subjectividade do investigador na interacção: etnografias reflexivas com uso das teorias microsociológicas, inspiradas na etnometodologia, no interaccionismo simbólico e na fenomenologia social.

-em terceiro lugar, constituir equipas de investigação etnográfica sobre o saber profissional onde os profissionais do trabalho social são protagonistas essenciais, em virtude de incluírem nos objectivos dos seus projectos de pesquisa a compreensão dos limites da sua cultura profissional e a relativização do seu etnocentrismo.

Mais especificamente, a constituição destas equipas de investigação permite retomar o problema do uso dual da teoria social em novos termos, a saber:

-o uso da teoria pelo profissional que aplicou teoria para agir no trabalho social e que depois volta a usá-la para explicar e relativizar o seu próprio trabalho, observando e descrevendo o trabalho dos pares quando realiza investigação etnográfica (trabalho que depende da interacção com os académicos);

-o uso da teoria pelo académico que aplicou teoria para explicar o trabalho social e que depois volta a usá-la para reflectir e relativizar o modo como realiza o seu próprio trabalho profissional de etnógrafo (trabalho que depende da interacção com os profissionais do trabalho social).

4. Conclusão

Do ponto de vista institucional haverá sempre competição e lutas simbólicas entre as várias Ciências Sociais dentro e fora da academia. Em Portugal, no que refere às relações entre Sociologia e Serviço Social, podemos encontrar evidências desta competição nas representações sociais dos profissionais sobre o trabalho social e numa cultura académica de dissociação entre ciência e profissão. A primeira comprovada pelos resultados preliminares do projecto de investigação SARTPRO, a segunda fundamentada na reflexão de António Costa sobre a profissionalização da Sociologia. Ambas estabelecem uma oposição dualista entre os sociólogos, que teriam o domínio simbólico sobre as teorias sociais para melhor saber enquadrar e explicar a realidade do trabalho social, e os assistentes sociais, que teriam, por outro lado, o domínio prático sobre as situações de interacção no trabalho social para melhor saber intervir socialmente.

A reflexão epistemológica de José Madureira Pinto mostra que não basta juntar sociólogos e assistentes sociais nas mesmas equipas de trabalho, desenvolver uma cultura de associação entre ciência e profissão e acreditar num ajustamento automático, espontâneo e complementar entre teoria e prática para que a competição entre estas duas áreas de conhecimento seja combatida ou que o dualismo de saberes existente possa ser atenuado.

Existe uma dualidade e um hiato na própria actividade de investigação em Sociologia, entre o domínio teórico-dedutivo de análise de dados sobre a realidade social e o domínio prático-experiencial de recolha de dados empíricos no terreno. Este hiato tem razões epistemológicas, mas parece poder também ser explicado por teorias psicológicas mais gerais, baseadas nas abordagens da Psicologia Cognitiva que estudam a dualidade cognitiva que existe entre uma mente que organiza o conhecimento de modo implícito e tácito (que permite o domínio prático-experiencial das situações) e uma mente que organiza o conhecimento de modo explícito através

da formalização de princípios e regras gerais e abstractas (que permite o domínio teórico-simbólico da realidade).³

Neste contexto, o que parece estar ao alcance da reflexão sociológica em Portugal, até ao momento, é começar por reconhecer que uma cultura de associação entre ciência e profissão tem um sentido bilateral: ser pensada tanto da investigação académica para a profissão, como da profissão para a investigação académica, pois em ambas existe uma dualidade teoria-prática. Em seguida, no que se refere apenas ao domínio teórico-simbólico do trabalho social, admitir como hipótese que a teoria social tem um uso dual, profissional e/ou académico que não é equivalente em ambas: na academia a teoria tem como centro produzir e validar novos conhecimentos sobre a realidade do trabalho social, sendo a actividade no terreno acessória e auxiliar; na profissão a teoria social tem como centro saber agir no terreno, tendo como actividade acessória e auxiliar saber aplicar os conhecimentos já produzidos.

A fim de validar esta hipótese de uso dual da teoria, a nossa proposta é de desenvolver equipas de investigação entre profissionais e académicos do trabalho social que tomem por objecto de análise o próprio trabalho social, enfatizando um olhar sobre o trabalho e o saber que é construído em situação e na interacção social entre profissionais. A nossa experiência indica-nos que o uso do método etnográfico na investigação sobre este tema é uma importante estratégia para conseguir um melhor entendimento do uso dual da teoria e ver das suas articulações dentro e fora da academia.

³ Sobre as hipóteses que colocamos de articulação entre estes dois problemas, cf. Caria, 2011b.

Referências

- Granja, Berta (2008) *Identidade e saber dos Assistentes Sociais*. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade do Porto (tese de doutoramento em Serviço Social).
- Caria, Telmo H. (1999) “A reflexividade e a objectivação do olhar sociológico na investigação etnográfica”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº55, pp. 5-36.
- Caria, Telmo H., (2000) *A Cultura Profissional dos Professores: o uso do conhecimento em contexto de trabalho na conjuntura da reforma educativa dos anos 90*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia [versão corrigida e revista da tese de doutoramento defendida em 1997 na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro].
- Caria, Telmo H. org. (2002a) *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto: Afrontamento.
- Caria, Telmo H. (2002b) "O uso do conhecimento: os professores e os outros", *Análise Social*, nº164, pp.805-831.
- Caria, Telmo H. org. (2005) *Saber profissional*. Coimbra:A Imedina.
- Caria, Telmo H. (2007a) “Itinerário de aprendizagens sobre a construção teórica do objecto Saber”. *Etnográfica*, 11 (1), pp. 215-250.
- Caria, Telmo H. (2010a) “A mobilização de conhecimento em situação de trabalho profissional”, in Vera Fartes e Maria Roseli Gomes de Sá (orgs.), *Currículo, formação e saberes profissionais: a revalorização epistemológica da experiência*. Salvador: Editora EDUFBA, pp.126-148 [ISBN: 978-85-232-0679-6].
- Caria, Telmo H. (2011a) “Perspectivar a intervenção social. Reflexões e dados sobre o trabalho profissional e o uso do método etnográfico no terceiro sector”. In José Portela, Octávio Sacramento e Pedro Silva (orgs.), *Etnografia e Intervenção Social*. Lisboa: Colibri [no prelo].
- Caria, Telmo H. (2011b) “Poder e conhecimento no trabalho profissional baseado nas Ciências Humanas e Sociais no Terceiro Sector”. In Teresa Carvalho, Rui Santiago e Telmo H. Caria (orgs.), *Profissionalismo e Sociedade do Conhecimento: tendências, problemas e perspectivas*. Porto: Afrontamento [no prelo].
- Collins, Harry e Evans, Robert (2007) *Rethinking Expertise*. Chicago and London: University of Chicago Press.
- (da) Costa, António Firmino (1988), “Cultura profissional dos sociólogos”, *Sociologia: problemas e práticas*, nº5, pp.107-124.
- (da) Costa, António Firmino (2004) “Será a Sociologia profissionalizável?”, In Carlos Gonçalves, Eduardo Rodrigues e Natália Azevedo (orgs), *Sociologia no ensino superior*:

conteúdos, práticas pedagógicas e investigação. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Evans, Jonathan St. (2008) “Dual-processing accounts of reasoning, judgement, and social cognition”, *Annual Review of Psychology*, nº59, pp.255-278.

Evans, Jonathan St. (2009) *In two minds: dual processes and beyond*. New York, Oxford: Oxford University Press.

Filipe, José Pombeiro (2008) *Nós: do encontro de experiências à construção de um saber de referência para a coordenação da acção conjunta – uma voz para os educadores*. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (tese de doutoramento em Sociologia da Educação).

Loureiro, Armando (2009, 2006) *O trabalho técnico-intelectual em educação de adultos: contribuição etnossociológica para a compreensão de uma ocupação educativa*. Cascais, Sururu Produções Culturais [edição revista da tese de doutoramento em Sociologia da Educação defendida em 2006 na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro].

Karmiloff-Smith, Annette (1995) *Beyond modularity. A development perspective on cognitive science*. Massachusetts, London: The MIT Press.

Madureira-Pinto, José (1984) “Questões de metodologia sociológica I”, *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 1, pp. 5-42.

Madureira-Pinto, José (1985a) “Questões de metodologia sociológica II”, *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 2, pp. 11-40.

Madureira-Pinto, José (1985b) “Questões de metodologia sociológica III”, *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 3, pp. 133-156.

Madureira-Pinto, José (2002) “Convicções de um sociólogo”, *Cadernos de Ciências Sociais*, nº21-22, pp. 33-69.

Pereira, Fernando (2008, 2004) *Identidades profissionais, trabalho técnico e associativismo agrário em Trás-os-Montes e Alto Douro*. Cascais, Sururu Produções Culturais [edição revista da tese de doutoramento em Ciências Sociais, defendida em 2004 na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro].

Sun, Ron (2002) *Duality of Mind. A bottom up approach toward cognition*. New Jersey, London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Ventura, Paulo, Brito-Mendes, Carlos, Morais, José & Kolinsky, Régine (2002) *A organização da memória semântica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Informação dos autores

ⁱ Professor de Sociologia e Ciências Sociais do Departamento de Economia, Sociologia e Gestão da Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro (Vila Real, Portugal). Investigador principal do Grupo de Etnografias do Conhecimento Profissional no Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE) da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Endereço de e-mail: tcaria@utad.pt.

ⁱⁱ Licenciatura em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, mestre em Educação, variante em Diversidade Cultural e da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Actualmente é investigadora no projecto FCT-SARTPRO: Saberes, Autonomias e Reflexividade no Trabalho Profissional do 3ºSector. Endereço de e-mail: filipa.cesar@gmail.com.

ⁱⁱⁱ Mestre em Comportamento Desviante e da Justiça pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Actualmente é investigadora no projecto FCT-SARTPRO: Saberes, Autonomias e Reflexividade no Trabalho Profissional do 3ºSector. Autora correspondente: [raquel biltes@hotmail.com](mailto:raquelbiltes@hotmail.com) Endereço postal: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen 4200 -135 Porto PORTUGAL telefone 00351 226079700// fax 00351 226079725